



CIES e-WORKING PAPER Nº 53/2008

Agentes e profissões culturais
Balanço de um levantamento bibliográfico

TERESA DUARTE MARTINHO

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Teresa Duarte Martinho é socióloga e investigadora permanente do Observatório das Actividades Culturais (OAC). Doutoranda do Programa de Doutoramento em Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, pelo ISCTE, e em Estudos Curatoriais, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL). Licenciada em Sociologia pelo ISCTE. Áreas de investigação: políticas culturais; profissões e emprego no sector cultural; intermediação cultural; entidades culturais; festivais e outros eventos culturais; públicos da cultura. Publicações recentes: *Apresentar a Arte: Estudo sobre Monitores de Visitas a Exposições*, Observatório das Actividades Culturais, 2007; *Trabalho e Qualificação nas Actividades Culturais: Um Panorama em Vários Domínios*, Observatório das Actividades Culturais, no prelo (em co-autoria). E-mail: teresa.martinho@oac.pt

Resumo

O número de abordagens sociológicas sobre agentes e profissões culturais ampliou-se de forma vincada nos últimos vinte anos. Diversos factores explicam tal evolução, entre os quais figura a crescente relevância da cultura nas políticas públicas. Este texto apresenta o estado da arte nesta área de investigação, categorizando os trabalhos realizados de acordo com os objectos e as metodologias utilizadas e sistematizando os seus principais resultados e tendências em seis tópicos: artistas e companhias; trajectórias e reconhecimento – juventude, género e nacionalidade; da importância dos intermediários; escritores e política; novos modelos de produção/difusão e redefinição de perfis; estudos transversais. O presente texto identifica também áreas menos estudadas pela sociologia na análise dos agentes e profissões culturais e aponta traços que o trabalho no sector cultural partilha com o emprego noutros sectores

Palavras-chave: agentes e profissões culturais, abordagens sociológicas, objectos e metodologias de investigação, tópicos, principais resultados e tendências

Abstract

During the past twenty years the number of sociological approaches on cultural agents and professions has considerably increased. Several factors such as the growing relevance of culture in public politics explain this evolution. The paper proposed here presents the state of the art in this field. The works produced are categorised according research objects and methodologies; its main results and trends are included in six topics: artists and groups; trajectories and recognition – youth, gender and nationality; the importance of intermediaries; writers and politics; new models of production/diffusion and redefinition of professional profiles; multisectorial studies. This text also identifies subjects less covered by sociology on the analysis of agents and cultural professions and points features shared by employment in cultural sector and other fields of activities.

Key words: cultural agents and professions, sociological approaches, research objects and methodologies, topics, main results and trends.

1. Introdução: da sociologia da cultura e do estudo das profissões¹

A abordagem das profissões pela sociologia constitui uma tendência recente na história desta disciplina em Portugal, também ela caracterizada pela pouca longevidade. Se as primeiras análises sociológicas de grupos ocupacionais se detiveram em profissões institucionalizadas – como médicos, economistas e engenheiros –, o sector da cultura e os agentes que nele operam em vários domínios têm sido alvo de uma vaga analítica mais tardia, impulsionada pela expansão da sociologia da cultura nas últimas duas décadas.

Podem apontar-se os principais motivos do incremento da investigação científica incidindo nas actividades culturais e a progressiva incursão da sociologia na abordagem dos profissionais que as dinamizam.

Em primeiro lugar, o referido aumento de pesquisas é largamente devedor da maior atenção conferida, nos anos 90, às políticas culturais pelas administrações central e local e pela progressiva aproximação entre essas políticas e instâncias e a esfera das ciências sociais. A aproximação operou-se fundamentalmente por duas vias. Uma consistiu na criação, por iniciativa da tutela, de uma entidade vocacionada para o estudo das actividades culturais, num processo similar ao verificado noutras áreas, como a ciência e tecnologia.² Outra consubstancia-se na prática intensificada de encomendas, por parte de algumas autarquias, de trabalhos de investigação a sociólogos, com finalidades de diagnóstico e avaliação das políticas no sector cultural, bem como com o objectivo de as sustentar em informação científica. De notar que esta aproximação entre a sociologia e as políticas públicas na cultura tem proporcionado não só a análise dessas

¹ O presente texto corresponde ao trabalho de avaliação elaborado para a unidade curricular *A Investigação Sociológica em Portugal* do 1º ano do Programa de Doutoramento em Sociologia (2007-2008) do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE. A referida unidade curricular foi leccionada por Fernando Luís Machado.

² No que respeita ao sector cultural, o Ministério da Cultura teve a iniciativa, em 1996, de constituição de um Observatório das Actividades Culturais. Também em 1996, o Ministério da Ciência e Tecnologia instituiu um Observatório da Ciência e Tecnologia (que actualmente constitui o Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (GPEARI) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior). Estas instituições são compostas por sociólogos na direcção e nas equipas de investigação.

políticas como também o aprofundamento do conhecimento de diversas dimensões do sector em que elas incidem (Santos, 2005).

Em segundo lugar, assinala-se que o estudo dos agentes e das profissões culturais tem tido até ao presente menor expressão do que as abordagens das práticas culturais e dos públicos de eventos e equipamentos. Trata-se de um eixo de investigação cujo acervo de trabalhos se amplia sobretudo desde finais dos anos 90, focando dimensões como evolução demográfica e caracterização sociográfica, regimes de trabalho e inserção nas organizações, instâncias de reconhecimento, redefinição de perfis, emergência de novos desempenhos.

A realização de pesquisas sobre profissões culturais relaciona-se com diversos factores, seguidamente enunciados:

- Procura de conhecimento sobre o sector por parte das políticas culturais do Estado com vista à fundamentação da sua intervenção – a análise de programas de Governos Constitucionais mostra que a definição e aplicação de medidas de regulação do mercado e de promoção e qualificação do estatuto dos agentes culturais integram o leque de objectivos que vários Governos se têm atribuído em matéria de cultura;

- Expansão demográfica do sector cultural e aumento e diversificação da oferta formativa, concorrendo para ampliar a visibilidade e a mediatização dos agentes e profissões da cultura;

- Interesse de algumas associações profissionais por estudos de caracterização do universo que representam, visando contribuir também, desse modo, para o reconhecimento e valorização do seu estatuto socioprofissional.

Justifica-se, pois, um balanço dos estudos produzidos sobre profissões culturais,³ grupo heterogéneo e com especificidades, por nele caberem domínios e ocupações com maior ou menor ênfase na criação, difusão e conservação, e ainda pela diversidade de

³ Apesar de este texto não visar definições conceptuais, importa notar que, no que respeita a “cultura”, o termo corresponde aqui ao campo de referência do LEG (*leadership group*), equipa de trabalho sobre estatísticas culturais no âmbito do Eurostat, compreendendo um conjunto de domínios onde figuram: artes performativas, artes visuais, audiovisual e multimédia, arquitectura, património, arquivos, bibliotecas, livro e imprensa.

funções em causa (artísticas, técnico-artísticas e de intermediação).⁴ Tendo em conta o contexto em que se situa a preparação do presente texto, impossibilitando um apuramento exaustivo de títulos dedicados à temática, optou-se por estabelecer como critério de recenseamento de textos a posse conjunta de três atributos: ter autoria de sociólogos, ancorar em investigações empíricas e estar publicado.⁵

O balanço, necessariamente sintético tendo em conta o registo deste texto, inicia-se com uma breve categorização da bibliografia, de acordo com os objectos, a sua abrangência e as metodologias das pesquisas. De seguida, sistematizam-se os resultados destas e as tendências mais relevantes em seis tópicos que, não sendo estanques, agregam de forma especial o conhecimento produzido.

⁴ Deve ressaltar-se que as categorias não são exclusivas.

⁵ Tal não impede que se reconheça a importância dos contributos, para além dos provenientes de trabalhos sociológicos não publicados, de textos com teor mais ensaístico e de análises produzidas no âmbito de outras disciplinas, designadamente a história e os estudos literários. E embora o levantamento efectuado não considere pesquisas focadas em entidades culturais, é de ressaltar que estas proporcionam, de forma menos directa, algum conhecimento sobre o trabalho no sector cultural, por abrangerem a dimensão dos recursos humanos no estudo das organizações (ver referências bibliográficas).

Ainda no que respeita às obras contempladas neste levantamento e ao critério de recenseamento, apenas houve uma excepção, devida ao facto de a autora deste texto ter participado directamente numa investigação sobre a temática cujos resultados serão publicados em obra no prelo: *Trabalho e Qualificação nas Actividades Culturais: Um Panorama em Vários Domínios* (Gomes e Martinho – edição do Observatório das Actividades Culturais).

2. Categorização dos estudos sobre agentes e profissões culturais

No conjunto dos estudos sociológicos sobre agentes e profissões culturais evidencia-se, desde logo, a existência de dois segmentos distintos, como mostra o quadro 1. O recorte resulta da diferente amplitude do objecto estudado: mais *especializado*, focado num grupo ocupacional e/ou num domínio cultural; ou mais *transversal*, considerando-se não só um leque mais largo e diferenciado de profissões e domínios como também um número superior de dimensões de análise.

O conjunto dotado de maior expressão numérica, o das abordagens especializadas, caracteriza-se por ter uma maior longevidade e centrar a análise em trajectórias de artistas/autores/criadores, intermediários culturais e em alguns perfis das chamadas indústrias culturais. Trata-se de estudos com recurso predominante a estratégias metodológicas de tipo qualitativo, mobilizando a entrevista, a análise documental e o levantamento e tratamento de dados estatísticos junto de fontes oficiais e sectoriais. As diversas técnicas podem coexistir ou aplicar-se de forma exclusiva, em função dos objectivos específicos de cada investigação e também da existência (ou não) de conhecimento já obtido sobre o objecto de estudo. De notar que somente três investigações utilizaram o inquérito por questionário, num dos casos tendo sido complementado com métodos qualitativos.

Tendo por fundo uma mesma linha temática – a estruturação das carreiras –, os estudos especializados remetem de forma mais acentuada para uma ou mais destas temáticas: i) regimes de trabalho; ii) efeitos da juventude, género e nacionalidade nas carreiras e na posição hierárquica ocupada nas organizações; iii) emergência de novos grupos ocupacionais; iv) agentes e mecanismos de reconhecimento nas trajectórias; v) impacto de mutações tecnológicas e organizacionais nos perfis profissionais.

Quanto ao grupo de abordagens transversais, como a designação sinaliza, alarga-se e diversifica-se o conjunto de domínios e grupos ocupacionais abordados – permitindo, pois, uma perspectiva comparativa das dinâmicas que os atravessam e, logo, uma caracterização mais vasta dos agentes e profissões culturais.

Quadro 1. **Tipos de abordagens sobre agentes e profissões culturais**

	ABORDAGENS	
	ESPECIALIZADAS	TRANSVERSAIS
Número	19	5
Data de publicação	1995 – 2007*	2000 – 2008
Objectos de análise	<ul style="list-style-type: none"> • Artistas em vários domínios (artes performativas, artes visuais, audiovisual e multimédia), escritores, arquitectos, editores, livreiros, produtores de cinema, profissionais do disco, críticos literários, programadores, técnicos de serviços educativos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Artistas e outros profissionais em vários domínios artísticos, profissionais dos domínios do património (museus, arquivos, arqueologia), bibliotecas e livro.
Metodologias	<ul style="list-style-type: none"> • Predominam abordagens qualitativas, com recurso a entrevista, análise documental, levantamento e tratamento de dados estatísticos. Apenas 3 dos estudos mobilizaram abordagens extensivas, utilizando o inquérito por questionário. 	<ul style="list-style-type: none"> • Predominam abordagens qualitativas, com recurso a análise documental, levantamento e tratamento de dados estatísticos, entrevistas.
Tópicos de enquadramento	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Artistas e companhias; Trajectórias e reconhecimento – juventude, género, nacionalidade; Escritores e política; Da importância dos intermediários; Novos modelos de produção/difusão e redefinição de perfis</i> <p>(da intensificação da flexibilidade à redefinição de profissões, passando pelos efeitos de género, nacionalidade e juventude no reconhecimento das trajectórias)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Estudos transversais</i> <p>(da evolução demográfica do sector cultural às condições de exercício e processos de regulação do trabalho cultural em diversos domínios, passando pelas lógicas flexíveis de trabalho)</p>

* Apenas um estudo, sobre os intelectuais na primeira metade do século XIX, data da década de 1980 (Santos, 1988).

No que respeita às metodologias, aplicam-se as considerações tecidas acerca dos estudos especializados; observa-se, contudo, a maior centralidade de indicadores estatísticos, referentes a séries temporais mais longas e mobilizando um número superior de variáveis. Tal prende-se com a finalidade de averiguar grandes tendências, designadamente no que se refere à evolução demográfica dos profissionais, bem como das entidades empregadoras.⁶ Em termos de temáticas, o enfoque das abordagens transversais recai nos seguintes eixos: i) regimes de trabalho de acordo com o domínio e o sector (público, privado, terceiro sector); ii) condições de exercício e processos de regulação do trabalho cultural; iii) impacto das redes de equipamentos culturais na expansão do emprego cultural; iv) impacto de mutações tecnológicas e organizacionais nas ocupações e processos de reconversão; v) importância da qualificação em ocupações antigas e emergentes para enfrentar mudanças no funcionamento do sector cultural.

⁶ Isto apesar das limitações das estatísticas oficiais quanto ao efectivo conhecimento das profissões no sector cultural, que são devidas, entre outros factores, ao facto de uma grande parte das profissões culturais, com destaque para os desempenhos artísticos, ser praticada em regime “independente”, pluriactivo e intermitente. O recenseamento dos agentes culturais é também dificultado pela indefinição que, em termos de enquadramento profissional e organizacional, marca de modo especial alguns grupos ocupacionais, como os intermediários culturais.

3. Tópicos

3.1. Artistas e companhias

Uma das características mais distintivas das profissões artísticas, especialmente aplicável às artes performativas, é a instabilidade dos vínculos às organizações – não se tratando de um traço exclusivo, é nesses domínios que assume maior expressão. Segundo o estudo *The Economy of Culture in Europe*, é raro no campo artístico – e particularmente no teatro, na dança e na música – garantirem-se contratos a tempo inteiro ou ocupações permanentes. A regra consiste, pois, na solicitação de trabalhadores para um período de tempo específico ou através de contratos em *part-time* (KEA, 2006: 97).

De que modo os profissionais das artes do espectáculo conjugam a flexibilidade nas suas trajetórias? Convém notar que o mercado de trabalho dos actores em Portugal tem vindo a reorganizar-se no decorrer das últimas décadas, segundo os resultados de um inquérito realizado em grupos de teatro portugueses, entre 2000 e 2002 (Borges, 2007). Com efeito, manifestam-se cada vez mais as seguintes tendências: i) predominância de profissionais com contratos ao projecto ou ao espectáculo; ii) saída de actores do elenco residente de grupos de teatro, nos últimos cinco anos. Marcando uma ruptura com as companhias teatrais mais antigas, esta configuração intensifica a flexibilidade das relações de trabalho e do enquadramento profissional. O que se apresenta vantajoso para os grupos e para os actores, de acordo com o estudo em que se insere o inquérito: os primeiros diminuem custos e renovam mais facilmente as competências das equipas, tendencialmente de dimensão reduzida; para os actores, a diversificação das entidades com que trabalham apresenta um interesse estratégico na estruturação das carreiras, uma vez que a mobilidade proporciona novos contactos e oportunidades de trabalho.

Se é esta a regra das relações de trabalho no teatro, e também noutras artes do espectáculo, onde reside a excepção e o que dela se conhece? Localiza-se nas grandes estruturas de produção e criação artísticas sob administração do sector público, como aquelas tuteladas pelo Ministério da Cultura, onde o vínculo prevalecente é o contrato

individual de trabalho.⁷ Esta zona residual, em termos de relações laborais no mercado de trabalho artístico, é o objecto de uma investigação, realizada em 2000, sobre trajectórias de bailarinos da Companhia Nacional de Bailado (CNB), companhia de repertório clássico e uma das estruturas artísticas sob administração da tutela (Pappámikal, 2002).⁸ O estudo articula a análise do campo da dança em Portugal, os seus agentes e dinâmicas de funcionamento e os percursos individuais de bailarinos – incluindo a passagem por várias categorias dentro da companhia (“principais”, “solistas”, “corifeus”, “corpo de baile”) e os índices variáveis de mobilidade interinstitucional. Ilustra de forma especial a forte centralidade que uma profissão como a de bailarino, onde o corpo e o movimento são os principais recursos, pode assumir na delimitação das biografias. São abordadas diversas dimensões, desde o acesso à formação e à profissão até às estratégias de reconversão profissional – pois trata-se de carreiras intensas e curtas –, passando pela muito próxima relação entre trabalho e redes de sociabilidade.

3.2. Trajectórias e reconhecimento – juventude, género, nacionalidade

No conjunto de pesquisas que incidem em trajectórias de profissionais da cultura (artistas, principalmente) é possível recortar um subgrupo de investigações em que se afere especialmente o efeito de três condições na estruturação das carreiras: ser jovem, ser mulher, ser imigrante em Portugal – e onde é igualmente dada atenção a variadas instâncias que operam como agentes e mecanismos de reconhecimento.

Relativamente aos *artistas jovens portugueses*, a realização de um inquérito, em 1993, e de uma análise intensiva, no final de 90, do circuito de eventos vocacionados

⁷ Em 2005, 91% dos trabalhadores daquelas estruturas encontravam-se nesta situação, em contraste com o sector privado e o terceiro sector (associações), onde os profissionais de artes performativas com “contrato individual de trabalho” representavam, respectivamente, 16% e 17% – nestes dois sectores a “aquisição de serviços/avença” constituía a modalidade de vínculo predominante (Gomes, Lourenço e Martinho, 2006).

⁸ Em 2005, 90% dos profissionais que integravam a companhia tinham contratos individuais de trabalho (Gomes, Lourenço e Martinho, 2006). Actualmente, a CNB e o Teatro Nacional de São Carlos (TNSC) são administrados conjuntamente por uma empresa pública, OPART, instituída em 2007 pelo Ministério da Cultura no âmbito do PRACE – Programa de Reestruturação da Administração Central.

para a *arte jovem* proporcionou contributos para o desenho do perfil dos artistas jovens, ou seja, aqueles que se encontram no princípio da carreira e ainda os que aspiram ao estatuto de artista (Pais, Ferreira e Ferreira, 1995; Santos, Ferreira, Martinho e Nunes, 2002). Do inquérito, ressalta a centralidade dos problemas laborais que o desempenho artístico enfrenta – como as condições de produção (custos de materiais, falta de espaços), a difusão e comercialização do trabalho (poucas oportunidades de apresentação pública e défice de procura). Do trabalho sobre o *mundo da arte jovem*, onde se faz uma nova incursão, por via qualitativa, em dimensões que o inquérito abordara – como a formação, a identidade de artista, as representações da arte e os circuitos de difusão –, podem destacar-se os seguintes aspectos. Um relaciona-se com a importância dos concursos para o reconhecimento do estatuto de artista: propiciam alguns estímulos para os que tencionam iniciar uma carreira artística, apesar de os seus efeitos no tempo serem limitados. Outro refere-se ao tipo de ensino como importante factor de diferenciação no circuito da arte jovem, não apenas devido à hierarquia entre escolas como também à diferente natureza das relações com professores e colegas.

Do leque de pesquisas em torno das *trajectórias femininas*, distinguem-se trabalhos incidindo em carreiras de mulheres artistas – na música erudita e na arte contemporânea e (*new*) *media* (Conde, Martinho e Pinheiro, 2003a e 2003b) – e em percursos profissionais de mulheres na esfera da difusão – produtoras de cinema e editoras de livros (Gomes, Lourenço e Martinho, 2005a e 2005b). No eixo das artistas, refira-se que as assimetrias sexuais nas áreas do ensino, profissão e reconhecimento desenvolvidas pela pesquisa denunciam existir para as mulheres maior dificuldade de afirmação da sua condição autoral.

No que respeita às editoras de livros, verifica-se que as mulheres estão menos representadas em lugares de decisão – quer em cargos de administração de empresas quer na propriedade de casas editoriais. E é no contexto das empresas de menor dimensão e com orgânicas menos complexas que mais rapidamente alcançam posições de relativo relevo. Quanto ao sector da produção cinematográfica, a formação de pequenas empresas representa uma oportunidade de exercício de máxima capacidade de decisão e garante um elevado grau de autonomia. Por outro lado, o género documentário constitui para as mulheres uma porta de entrada significativa no sector cinematográfico,

tanto no domínio da criação como no da produção – é mobilizado pelas mulheres como *medium* de trabalho mais acessível.

Traço transversal a mulheres artistas e noutras profissões culturais consiste nas dificuldades que dizem enfrentar em termos de conciliação da carreira com a maternidade e a família, uma questão que emerge nos seus discursos – ainda que se note uma desfocagem da questão feminina quando abordam a identidade artística e profissional.

Num recente estudo sobre a profissão de arquitecto – em que o processo de feminização tem sido mais lento do que se observa noutras profissões – aponta-se que ser mulher é um dos atributos menos favoráveis a uma carreira com sucesso (Cabral e Borges, 2006). No que respeita designadamente ao acesso à profissão, verifica-se que a entrada é mais tardia para as mulheres, sendo mais dependentes da família e dos amigos para obter emprego, enquanto os homens tendem a conseguir o primeiro trabalho mais cedo, através dos ateliês onde trabalhavam na fase de formação ou por via da criação de ateliê próprio. O mesmo estudo refere que as arquitectas trabalham mais como assalariadas ou em regime de prestação de serviços e que os seus vínculos laborais são mais precários do que os dos colegas arquitectos.

A prevalência do efeito da *nacionalidade* sobre o do domínio artístico na integração profissional dos artistas imigrantes em Portugal constitui a principal conclusão de uma investigação que deu especial ênfase à compreensão da correlação entre a origem do estrangeiro e o domínio artístico em que os artistas imigrantes desenvolvem a sua actividade (Nico, Gomes, Rosado e Duarte, 2007). Existe, pois, uma maior probabilidade de haver diferenças determinantes de integração no mercado de trabalho entre um artista estrangeiro e um português dentro do mesmo domínio do que entre, por exemplo, um músico e um artista visual, seja qual for a nacionalidade. Encontram-se nas melhores condições de inserção os artistas oriundos da União Europeia que desenvolvem actividades no domínio da dança ou da música. Já os processos mais difíceis de integração no campo artístico são protagonizados pelos artistas provenientes dos restantes países que exercem actividade em domínios que não a dança ou a música (como as artes visuais); estes têm, designadamente, maior dependência de redes sociais de conhecimento no meio artístico.

3.3. Escritores e política

As relações entre o campo literário e o campo político são o tema de duas investigações sociológicas ancoradas em diferentes momentos históricos. A primeira, uma das análises pioneiras no estudo dos agentes e profissões da cultura, teve por objecto os intelectuais na primeira metade do século XIX, procurando averiguar as condições sociais da sua existência, incluindo no que se refere à gestão do seu poder simbólico perante outros agentes (Santos, 1988). Considerando quatro categorias, não exclusivas, de intelectuais – escritores, burocratas, políticos e militares –, o estudo traça os percursos e os modos de organização destes produtores culturais, entre os quais se encontram Almeida Garrett, Bulhão Pato e Camilo Castelo Branco, entre outros. A pesquisa salienta, nomeadamente: a fraca autonomia do campo intelectual face ao campo político, bem como a posição ambivalente da *intelligentzia* face à esfera política; a precariedade do exercício do trabalho intelectual; a defesa da independência, por parte dos autores, fundamentada no princípio da propriedade literária.

As relações entre os escritores e a esfera política são também abordadas num estudo que tem por pano de fundo a segunda metade do século XX, abrangendo desde a polémica entre os escritores Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres, em 1963, até ao caso da exclusão de um livro de José Saramago da candidatura ao Prémio Literário Europeu de 1992 (George, 2002). Prémios literários e instituições – entre as quais associações de escritores e de críticos literários, mas também organismos de tutela da cultura – constituíram o foco desta análise que, a partir de alguns episódios considerados fundamentais para o estudo da vida literária, evidencia como o valor da autonomia foi objecto de luta política entre indivíduos e instituições.

3.4. Da importância dos intermediários

Uma das principais mudanças registadas no sector cultural nas últimas décadas, em Portugal, corresponde à crescente relevância das funções de intermediação, essenciais à aproximação entre os planos da oferta e da procura.

A intensificação do recurso a agentes, como comissários, programadores, curadores, técnicos de *marketing* e outros, resulta de vários factores. Em primeiro lugar, é de notar a progressiva organização da oferta cultural de acordo com lógicas de

mercado, de que decorre a requisição de competências especializadas na promoção, por variadas vias, da visibilidade dos bens culturais – assim potenciando possibilidades e oportunidades de recepção. Em segundo lugar, há que ressaltar o papel central dos grandes eventos culturais (capitais culturais, exposições internacionais) enquanto contextos que, por implicarem uma maior divisão do trabalho e requisitarem funções bem delimitadas, propiciam o desenvolvimento de grupos ocupacionais especializados em intermediação cultural (Ferreira, 2002). Em terceiro lugar, repare-se que o progressivo aumento, desde meados dos anos 80, de equipamentos culturais (bibliotecas, museus, cine-teatros, centros culturais) nos municípios evidenciou a necessidade de profissionais especializados – como gestores, programadores, produtores, técnicos de serviços educativos – para assegurar o seu funcionamento (Santos *et al.*, 2004; Gomes, Lourenço e Martinho, 2006; Silva, 2007).

No que respeita especificamente aos programadores culturais, a sua emergência explica-se por transformações produzidas no plano da produção artística, como o desenvolvimento, principalmente desde a década de 1990, de organizações (instituições e grandes eventos) desprovidas de companhias artísticas residentes (Madeira, 2002). Para a programação e divulgação de espectáculos, objectivo principal dessas organizações, o programador revela-se uma figura central, na medida em lhe cabe não só escolher e definir programações como também articular e compatibilizar lógicas diferenciadas – de produção cultural e de funcionamento do mercado, entre outras. O modo pessoal de conjugarem capitais (sociais, culturais, económicos, simbólicos) acumulados nos seus percursos é, neste grupo ocupacional emergente, uma condição substancial para imprimir marcas de inovação e diversidade nas programações que definem.

Outros protagonistas da emergência da intermediação na década de 1990 são os profissionais de serviços educativos. Trata-se da categoria de intermediários que de forma mais directa cria condições para a aproximação entre cultura e públicos e que em Portugal, contrariamente ao que se verifica noutros países, constitui um grupo ocupacional dos mais recentes no sector cultural. No caso particular dos monitores de visitas guiadas em museus de arte contemporânea, e a partir do seu estudo intensivo, sobressai, a par de um crescente recurso a estes profissionais por parte das instituições, a necessidade de maior reconhecimento no seu interior (Martinho, 2007).

Reconhecimento que passa pelo desenvolvimento de um trabalho articulado com outros profissionais (curadores, programadores, *designers*) e pela formalização de relações contratuais, em muitos casos inexistente ou insuficiente.

Defendendo a relevância da intervenção dos serviços educativos para o alargamento de públicos, as instituições culturais optam maioritariamente por externalizar serviços, contratando equipas de colaboradores com quem mantêm relações laborais flexíveis – opção com atractivos e desvantagens para ambas as partes. Para quem emprega, reduzem-se encargos e garante-se a possibilidade de rápida angariação de novos colaboradores; isto ao mesmo tempo que pode haver o risco de deixar de contar com profissionais em que as próprias instituições investiram, desde logo ao nível da formação dada. Do lado dos profissionais, se a flexibilidade possibilita a acumulação com outras actividades (crítica, docência, curadoria, criação artística) e gera novas oportunidades de trabalho no sector cultural, já a irregularidade da actividade e a falta de formalização de relações contratuais geram insatisfação e uma identidade profissional pouco definida.

Também o trabalho dos professores de língua e cultura portuguesa em universidades estrangeiras, comumente designados “leitores”, comporta uma dimensão de intermediação cultural. Na perspectiva destes professores, um leitor que exerce bem a sua função é, mais do que um transmissor de conhecimentos técnicos acerca da língua portuguesa, um agente cultural – é o que revela uma análise das trajectórias profissionais de antigos leitores (Pereira e Baptista, 2006). É, aliás, pela componente de organização de actividades culturais em torno da difusão da cultura portuguesa que muitos leitores se sentem valorizados como profissionais. Uma tipologia de trajectórias dá conta da diversidade de percursos dos leitores: nas trajectórias de *saída* domina a itinerância geográfica e a instalação do leitor no país onde foi desempenhar tal função; nas trajectórias de *transição*, depois da experiência de leitorado, o regresso a Portugal assinala uma recomposição profissional, frequentemente fruto de contactos estabelecidos durante a actividade de leitor; as trajectórias de *digressão* correspondem a professores que, no retorno aos seus lugares de trabalho, mobilizam ou não os ganhos da actividade de leitorado.

3.5. Novos modelos de produção/difusão e redefinição de perfis

Mudanças verificadas aos níveis dos modelos de produção e difusão em vários sectores das indústrias culturais, como a edição de livros e a edição discográfica, bem como a crescente disseminação das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas organizações, têm largamente concorrido para a redefinição quer das lógicas organizacionais quer de alguns perfis de profissionais da cultura.

No sector da edição de livros, e no que se refere aos perfis de editor e livreiro, observa-se um processo de recomposição em termos de formação e competências, detalhadamente analisado num estudo recente sobre as profissões neste sector (Martins, 2005). No caso do editor, em vez de conhecimentos especializados nas áreas de línguas e literatura, privilegia-se cada vez mais a formação e a prática em domínios como a gestão e o *marketing* – o editor aproxima-se de um gestor de produtos e tendências. O que se articula directamente com o progressivo reconhecimento de que a sustentabilidade das empresas editoriais no mercado recomenda a adopção de estratégias que valorizam o conhecimento das suas dinâmicas e circuitos, por um lado, e a implementação de modelos de trabalho mais interdisciplinares em lugar de uma lógica sequencial, dotada de pouca interacção entre diferentes especializações, por outro lado. É também neste quadro de mudança que caracteriza o sector editorial – e de que faz parte um novo modelo de parcerias envolvendo produtores e distribuidores, uma vez que a esfera da difusão se apresenta mais determinante – que se entrevê um outro protagonismo para os livreiros. Estes agentes – cuja identidade profissional é, em Portugal, tradicionalmente pouco definida – tornam-se, mais do que simples vendedores de livros, importantes mediadores entre o editor, o autor e o leitor.

Entre os factores em que se sustenta o crescimento do mercado fonográfico em Portugal, desde meados dos anos 80, conta-se a emergência de novos produtores musicais, técnicos de som e responsáveis nas organizações pela escolha de propostas musicais – é uma das questões focadas num trabalho dedicado à reconstituição do mercado de fonogramas e dos seus agentes (Neves, 1999). Um dos traços deste mercado corresponde à emergência de produtores por projecto, depois de um período em que o produtor como director artístico da companhia desempenhava um papel de maior importância. Pela sua relevância no desenho do produto final e até pela mais-valia

simbólica – assente, por exemplo, no sucesso de um trabalho com um artista reconhecido – a figura do produtor ilustra bem como a partição entre funções artísticas, técnico-artísticas e de intermediação, apesar de muitas vezes ser operacional, tem limitações. De facto, e não sendo um intérprete, um poeta ou um compositor, o produtor aproxima-se do lugar de autor, por, no entender de alguns, se tratar daquele “que dá à obra o cunho intrínseco e distintivo”, como afirmava um entrevistado citado no estudo. Repare-se que a isto não são alheias as inovações tecnológicas aplicadas aos processos de captação e tratamento de som, as quais têm proporcionado maior flexibilidade criativa no estúdio de gravação e, logo, uma crescente autonomia, não só de produtores como também dos técnicos de som.

Um outro contexto profissional no sector cultural onde se redefiniram perfis corresponde ao campo da mediação cultural no jornalismo impresso. O facto de a difusão de livros nos jornais deixar de ter uma orientação estritamente literária, passando a reger-se por lógicas de funcionamento mediáticas, teve vários efeitos no desempenho dos críticos – como demonstra um trabalho sobre o jornalismo literário enquanto modalidade de difusão literária (Gomes, 1999). Daquela mudança resultou o apagamento do crítico tal como se apresentava anteriormente – um mediador que se distinguia por concentrar as esferas da produção e da difusão – e, claro, também a maior centralidade dos jornalistas como intermediários e novos protagonistas da crítica. Ilustra-se, assim, de que modo a intervenção do crítico enquanto agente de legitimação e de *gatekeeping* pode ser afectada por constrangimentos organizacionais (Ferreira, 1998).

3.6. Estudos transversais

Convergem neste tópico análises panorâmicas do emprego cultural, que abrangem diversos domínios e dimensões (iniciativas institucionais e sectoriais, acesso à profissão, regimes de trabalho e lógicas organizacionais, entre outras) e disponibilizam um vasto conjunto de dados relevantes sobre a temática – tendo como linha de fundo constante a relação entre cultura, emprego e economia. Nuns casos, e no âmbito de grandes balanços das políticas culturais em Portugal, privilegia-se a análise da *regulação* e das *condições de exercício do trabalho no sector* (Gomes e Martinho,

no prelo); noutros, e no que se relaciona especificamente com o debate sobre a necessidade de novas qualificações em Portugal, as dinâmicas do emprego cultural são amplamente focadas com o objectivo principal de informar a *definição de perfis profissionais* (IQF, 2006a, 2006b e 2006c). Das visões transversais sobre o emprego cultural que estes estudos proporcionam, salientam-se as que se afiguram ser as principais tendências.

- *Crescimento demográfico*

No que se refere à expressão do emprego cultural em Portugal, é de ressaltar que – embora corresponda a uma parcela reduzida (1,4% em 2005, segundo o Eurostat) quando comparada com o total da UE (2,5%) – é bastante significativo o aumento do número de profissionais do sector no período entre 1991 e 2001, em particular no referente a actividades relacionadas com o espectáculo. De 32.362 trabalhadores recenseados em várias profissões culturais em 1991, passou-se, em 2001, a um contingente de 43.416, verificando-se um acréscimo de 34% (Gomes e Martinho, no prelo). Para este traço evolutivo do sector da cultura, que se tem verificado na generalidade dos países nas últimas décadas, concorreu também a progressiva entrada das mulheres nos mercados de trabalho culturais. Assinale-se, a propósito, a tradicional maior presença feminina em actividades de bibliotecas, museus e arquivos, ou em segmentos artísticos como a dança, situação em claro contraste com a música, área tradicionalmente masculinizada (Conde, Martinho e Pinheiro, 2003a).

- *Intensificação das lógicas flexíveis de trabalho*

A organização do trabalho cultural segundo modalidades flexíveis – que se manifestam desde a menor duração dos vínculos laborais à prevalência do trabalho ao projecto, passando pela preferencial constituição de entidades de muito pequena dimensão – é um traço que se acentua cada vez mais no emprego na cultura no sector privado e no terceiro sector. De notar, neste processo, o papel crucial da introdução das novas tecnologias de informação, não só por facilitarem o acesso à informação e ao trabalho em rede como também por propiciarem a polivalência de indivíduos e de entidades em termos de funções e domínios de actividade.

Se o trabalho descontínuo e em regime de pluriactividade tem nas artes maior tradição e correspondência, verifica-se uma tendência para o seu prolongamento a domínios não artísticos do sector cultural, como o património (museus, palácios e sítios arqueológicos). O alastrar da flexibilidade a sectores onde a administração pública representa o empregador principal explica-se por dois motivos principais. Um é o que diz respeito ao bloqueamento, fundamentalmente por questões orçamentais, de novos ingressos nas carreiras da administração pública e à falta de autonomia de gestão por parte de algumas instituições – o seu efeito conjugado tem intensificado a externalização de serviços. Outro relaciona-se com o crescente recrutamento, em sectores como a arqueologia e a conservação, de profissionais para trabalhos ao projecto – isto no âmbito de empresas que têm como principais clientes as instituições públicas, de cujos orçamentos depende frequentemente a regularidade e a intensidade do trabalho.

De assinalar ainda que a disseminação da flexibilidade no emprego cultural, independentemente da sua feição mais ou menos *qualificante* ou *precarizante* (Kovács, 2005), encontra-se directamente relacionada com a crescente difusão das actividades culturais. Com efeito, o facto de as lógicas flexíveis de emprego gerarem mais postos e oportunidades de trabalho para diversos profissionais relacionados com o sector torna-as uma condição nada insignificante para a sustentabilidade e para o crescimento da oferta cultural que se regista em Portugal nas últimas décadas.

- *Défice de regulação e certificação*

A falta de um enquadramento regulador do exercício do trabalho nas artes do espectáculo e do audiovisual, caracterizada principalmente pelo trabalho ao projecto e pela actividade intermitente, é evidenciada pelos diversos estudos sobre emprego no sector da cultura. A ausência de regulação, incluindo no que diz respeito a dispositivos de certificação profissional, é tanto mais notória quanto se está perante mercados de trabalho concorrenciais, com entrada crescente de novos profissionais e onde prevalece a acumulação de actividades em variados e próximos sectores (artes performativas, cinema, televisão). Mais do que o acesso a oportunidades de trabalho, a falta de um enquadramento regulador perturba as condições do seu exercício e a qualificação das trajetórias profissionais. A temática movimenta agentes diversos – associações

profissionais de trabalhadores das artes do espectáculo, partidos políticos, tutela – cujas iniciativas e debate público em termos de projectos de regulação e certificação se têm intensificado nos anos mais recentes, permanecendo contudo a indefinição.⁹

Importaria averiguar, por exemplo por via de um estudo extensivo deste universo profissional, qual a exacta importância que a regulação e a certificação, e eventuais dispositivos que as podem concretizar, reveste para os agentes deste universo profissional – levando em conta diferentes funções e enquadramentos institucionais. Com efeito, se é consensual a necessidade de regulação e certificação, já os instrumentos, como a eventual reintrodução de uma carteira profissional, constituem pontos de discórdia.¹⁰

- *Redes como factor impulsionador de emprego no sector cultural*

A criação de redes de equipamentos culturais (bibliotecas, museus, arquivos e cine-teatros) desde meados dos anos 80 – por iniciativa da tutela e maioritariamente assentes em parcerias estabelecidas com a administração local – constitui uma das principais mudanças operadas no sector cultural nas últimas décadas. Os seus efeitos no aumento do volume e qualificação dos profissionais no sector da cultura resultam não só do progressivo acréscimo do número de espaços, bem como do objectivo que as redes comportam, entre outros, de qualificação do funcionamento dos equipamentos culturais. A este propósito, repare-se que, à excepção das redes de cine-teatros, um dos critérios de integração de um espaço cultural nas redes é o preenchimento de um conjunto de requisitos e exigências em termos de recursos humanos. A relevância das redes de

⁹ Deve referir-se a Lei nº 4/2008 de 7 de Fevereiro, a qual aprova o regime dos contratos de trabalho dos profissionais de espectáculos, resultante de uma proposta de lei apresentada pelo actual governo. O referido diploma foi aprovado pelo PS isoladamente. Os partidos da oposição consideraram a lei insuficiente para regulamentar o trabalho dos profissionais das artes do espectáculo por, entre outros motivos, não legislar sobre o sector no conjunto, não prever normas relativas à protecção e segurança social, e ainda por não definir um sistema de certificação profissional.

¹⁰ Já entre os jornalistas se verifica a maioritária defesa de dispositivos de carácter normativo-ético existentes, como o código deontológico e a existência de carteira profissional (Garcia e Castro, 1993).

equipamentos neste plano fez-se notar inicialmente no sector das bibliotecas, pelas dinâmicas culturais que a instituição da Rede Nacional de Leitura Pública (RNLP), na segunda metade dos anos 80, contribuiu para criar. Mas as maiores exigências em termos de perfis profissionais e a ampliação do mercado de trabalho, que as redes têm proporcionado, verificam-se também nos universos dos museus e arquivos.

Já na área das artes visuais e da divulgação da arte contemporânea se detecta uma falta de iniciativas congêneres, resultante porventura do diminuto número de museus e centros de exposições direccionados para a difusão destas artes. Pode, pois, afirmar-se que tal carência tem também efeitos ao nível das dinâmicas profissionais que, ao contrário do que se verifica noutros domínios, não beneficiam do efeito de alavanca desencadeado pela criação de redes de equipamentos.

4. Conclusão

No final deste balanço de um levantamento de bibliografia sobre agentes e profissões culturais, importa tecer algumas considerações finais – umas recaindo nas lacunas detectadas no panorama observado, outras relacionadas com aspectos que o trabalho no sector cultural partilha com o emprego noutros sectores.

No que se refere à abordagem das artes e seus agentes, sobressai a falta de estudos especializados sobre trabalhadores com funções de cariz técnico-artístico. Trata-se do segmento de profissionais cuja intervenção assume menor visibilidade, embora seja essencial para o trabalho em cooperação que a produção de bens culturais requer, à semelhança do que se verifica noutros sectores de actividade. Com efeito, a atenção dos sociólogos tem convergido maioritariamente nos artistas, em primeiro lugar, e em perfis emergentes como os que se situam no plano da intermediação cultural, em segundo lugar.

Continua por conhecer o *universo dos técnicos* e das suas identidades profissionais – campo onde cabem, em domínios com funções de criação, desde figurinistas e cenógrafos aos responsáveis pela montagem dos filmes, passando pelos técnicos de luz e som em várias artes do espectáculo e também nas artes visuais. Num tempo em que cada vez mais as inovações tecnológicas proporcionam, como se observou num ponto anterior deste texto, maior autonomia aos perfis técnico-artísticos, seria interessante abordar, por exemplo, a noção de autoria por via da auscultação dos diversos agentes implicados nos processos de criação. Ou, por outras palavras: analisar como os diferentes intervenientes na criação – artistas, técnicos, intermediários – avaliam o seu lugar nos *mundos da arte*, que importância atribuem ao trabalho em equipa e ao seu desempenho e que representações elaboram uns dos outros.

O vazio de conhecimento sobre perfis profissionais detecta-se igualmente em domínios onde a combinatória conservação/difusão se encontra vincada, como é caso de museus e bibliotecas. Relacionando esta ausência com a outra falta acima apontada, é possível observar uma assimetria no grau de conhecimento de diferentes domínios culturais. Enquanto, no que respeita às artes, o enfoque das abordagens recai mais nos agentes do que nas organizações, já no que se refere aos sectores patrimoniais é dado

destaque à análise e à caracterização das instituições em detrimento dos perfis profissionais que asseguram e qualificam o seu funcionamento.

Um outro tipo de lacuna relaciona-se com a abordagem dos processos de inserção profissional – isto tendo em conta o acentuado aumento e diversificação da oferta formativa verificados na última década. Embora esta dimensão seja, é certo, contemplada nos estudos de trajetórias profissionais, justificaria uma maior centralidade – até para perscrutar, por exemplo, os diversos efeitos da posse de qualificações superiores. E, dada a novidade das ocupações relacionadas com a intermediação cultural, afigura-se pertinente analisar não só como se processa a integração em diferentes contextos organizacionais e sectores – público, privado e terceiro sector – como também avaliar os impactos desses desempenhos na frequência e visibilidade dos vários espaços culturais.

Na parte final deste balanço, interessa ainda assinalar alguns aspectos transversais às profissões na cultura e noutros sectores. Em primeiro lugar, uma tendência evolutiva de feminização: à semelhança de outras actividades, os mercados de trabalho no sector cultural registaram desde os anos 70 a progressiva entrada de mulheres, um processo em estreita relação com o ingresso intensificado das mulheres no sistema escolar, designadamente no ensino superior. Se no início dos anos 70 as mulheres representavam menos de 20% dos trabalhadores no sector cultural, a proporção elevou-se, na presente década, para mais de 40% – sendo importante não perder de vista que este crescimento assume diferentes graus de intensidade em função dos domínios culturais. Um segundo aspecto comum à cultura e a outros sectores é a intensificação das lógicas flexíveis de trabalho. Numa área dela tão diversa como é, por exemplo, a actividade bancária, constata-se não só a gradual feminização como a procura de “flexibilização gestonária” e o recurso à externalização de serviços, neste caso de carácter administrativo (Almeida, 2001). Falando ainda de disseminação da flexibilidade, veja-se que o regime de trabalho intermitente, tradicionalmente associado às actividades artísticas, é também cada vez mais característico de sectores não culturais, como a investigação e a intervenção de cariz social (Nicolas-Le Strat, 2005).

Referências bibliográficas

AGENTES E PROFISSÕES CULTURAIS

Artistas e companhias

Borges, Vera (2007), *O Mundo do Teatro em Portugal: Profissão de Actor, Organizações e Mercado de Trabalho*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Pappámikail, Lia (2002), “Ser bailarino na Companhia Nacional de Bailado: entre a profissão e a vida”, em *Trajectos*, nº 2, pp. 23-43.

Trajectórias e reconhecimento – juventude, género, nacionalidade

Cabral, Manuel Villaverde (coord.) e Vera Borges (2006), *Relatório. Profissão: Arquitecto/a* (estudo promovido pela Ordem dos Arquitectos), Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Campos, Luís Melo (2007), *Músicas e Músicos: Modos de Relação*, Oeiras, Celta Editora.

Conde, Idalina (2001), “Women in the arts in Portugal”, em *Boosting Gender Equality in Higher Arts Education – A Handbook*, Amesterdão, ELIA – European League of Institutes of the Arts.

Conde, Idalina, e João Pinheiro (2000), “Feminisation trends and profiling the future: women in arts and media professions: Portugal”, em Danielle Cliché, Ritva Mitchell e Andreas Wiesand (orgs.), *Pyramid or Pillars – Unveiling the Status of Women in Arts and Media Professions in Europe*, Bona, ArCult Media.

Conde, Idalina (coord.), Teresa Duarte Martinho, e João Pinheiro (2003a), “Making distinctions: conditions for women working in serious music and in (new) media arts in Portugal”, em *Exposing Professional “Gate-keeping” Processes in Music and New Media Arts*, Bona, ArCult Media.

Conde, Idalina (coord.) Teresa Duarte Martinho, e João Pinheiro (2003b), “Mulheres nas principais orquestras portuguesas”, em *OBS – Revista do Observatório das Actividades Culturais*, nº 12, pp. 53-62.

Gomes, Rui Telmo, Vanda Lourenço, e Teresa Duarte Martinho (2005a), “A feminized labour market: professional opportunities and constraints in book publishing in Portugal”, em Danielle Cliché e Andreas Wiesand (orgs.), *Culture Biz: Locating Women as Film and Book Publishing Professionals in Europe*, Bona, ArCult Media.

Gomes, Rui Telmo, Teresa Duarte Martinho, e Vanda Lourenço (2005b), “Professional careers in cinema production in Portugal: different contexts, generations and gender”, em Danielle Cliché e Andreas Wiesand (orgs.), *Culture Biz: Locating Women as Film and Book Publishing Professionals in Europe*, Bona, ArCult Media.

Nico, Magda, Natália Gomes, Rita Rosado, e Sara Duarte (2007), *Licença para Criar: Imigrantes nas Artes em Portugal*, Lisboa, Observatório da Imigração.

Pais, José Machado (coord.), Paulo Antunes Ferreira, e Vítor Sérgio Ferreira (1995), *Inquérito aos Artistas Jovens Portugueses*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Santos, Helena (2002), “Pequenas artes da arte: considerações sobre espaços e agentes de criação cultural-artística intermédia”, em *OBS – Revista do Observatório das Actividades Culturais*, nº 11, pp. 26-33.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), Vítor Sérgio Ferreira, Teresa Duarte Martinho, e João Sedas Nunes (2003), *O Mundo da Arte Jovem: Protagonistas, Lugares e Lógicas de Acção*, Oeiras e Lisboa, Celta Editora e Instituto Português da Juventude.

Escritores e política

George, João Pedro (2002), *O Meio Literário Português (1960/1998): Prémios Literários, Escritores e Acontecimentos*, Lisboa, Difel.

Santos, Maria de Lourdes Costa Lima dos (1988), *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*, Lisboa, Editorial Presença.

Da importância dos intermediários

Ferreira, Claudino (2002), “Intermediação cultural e grandes eventos: notas para um programa de investigação sobre a difusão das culturas urbanas”, em *Oficina do CES*, nº 167, disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/167/167.pdf>

Madeira, Cláudia (2002), *Novos Notáveis: Os Programadores Culturais*, Oeiras, Celta Editora.

Martinho, Teresa Duarte (2007), *Apresentar a Arte: Estudo sobre os Monitores de Visitas a Exposições*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

Pereira, Ana Patrícia, e Luís Baptista (2006), “Itinerância e mediação cultural: os leitores de língua e cultura portuguesa”, em *Fórum Sociológico*, nº 15/16 (II série), Lisboa, IEDS/ FCSH-UNL, pp. 121-139.

Novos modelos de produção/difusão e redefinição de perfis

Ferreira, Vítor Sérgio (1998), “Da prática da crítica no contexto organizacional da imprensa escrita”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 28, pp. 91-114.

Gomes, Rui Telmo (1999), “Da crítica aos críticos: o jornalismo cultural como configuração da difusão literária”, em *Fórum Sociológico*, nº 1/2 (II série), Lisboa, IEDS/ FCSH-UNL, pp. 181-201.

Martins, Jorge Manuel (2005), *Profissões do Livro: Editores e Gráficos, Críticos e Livreiros*, Lisboa, Editorial Verbo.

Neves, José Soares (1999), *Os Profissionais do Disco: Um Estudo da Indústria Fonográfica em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

Estudos transversais

Conde, Idalina (coord.), e João Pinheiro (1999) “Profissões artísticas e emprego no sector cultural”, em *OBS – Revista do Observatório das Actividades Culturais*, nº 7, pp. 16-22.

Gomes, Rui Telmo, e Teresa Duarte Martinho (no prelo), *Trabalho e Qualificação nas Actividades Culturais: Um Panorama em Vários Domínios*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

Instituto para a Qualidade na Formação (IQF) (2006a), *Preservação, Conservação e Valorização do Património Cultural*, colecção Estudos Sectoriais, nº 31, Lisboa, IQF. Estudo do Consórcio Perfis do Património coordenado por António Travassos.

Instituto para a Qualidade na Formação (IQF) (2006b), *O Sector de Actividades Artísticas, Culturais e de Espectáculo em Portugal*, colecção Estudos Sectoriais, nº 33, Lisboa, IQF. Estudo da Quaternaire Portugal coordenado por Catarina Vaz Pinto.

Instituto para a Qualidade na Formação (IQF) (2006c), *A Indústria de Conteúdos em Portugal*, colecção Estudos Sectoriais, nº 34, Lisboa, IQF. Estudo da Quaternaire Portugal coordenado por Elisa Perez Babo.

ENTIDADES E POLÍTICAS CULTURAIS

Gomes, Rui Telmo (coord.), Vanda Lourenço, e Teresa Duarte Martinho (2006), *Entidades Culturais e Artísticas em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

Melo, Alexandre (1999), *Arte e Mercado em Portugal: Inquérito às Galerias e uma Carreira de Artista*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), Lina Antunes, Idalina Conde, António Firmino da Costa, Eduardo de Freitas, Rui Telmo Gomes, Carmen Gonçalves, Helena Seita Gonçalves, João Miguel Teixeira Lopes, Vanda Lourenço, António Martinho, Teresa Duarte Martinho, José Soares Neves, João Sedas Nunes, Elsa Pegado, Isabel Pires, e Francisco Silva (1998), *As Políticas Culturais em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos, e Alexandre Melo (coords.), e Teresa Duarte Martinho (2001), *Galerias de Arte em Lisboa*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), Rui Telmo Gomes, e José Soares Neves (resp. exec.), Maria João Lima, Vanda Lourenço, Teresa Duarte Martinho, e Jorge Alves dos Santos (2004), *Políticas Culturais e Descentralização: Impactos do Programa Difusão das Artes do Espectáculo*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (2005), “Políticas culturais e suas incidências”, em *OBS – Revista do Observatório das Actividades Culturais*, nº 14, pp. 3-10.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), José Soares Neves (resp. exec.), Jorge Alves dos Santos, e Joana Saldanha Nunes (investig.), e Paula Oliveira Rodrigues (colab.) (2005a), *O Panorama Museológico em Portugal [2000-2003]*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), Rui Telmo Gomes (coord. exec.), Vanda Lourenço, Teresa Duarte Martinho, Ana Moura Mocuixe, e Jorge Alves dos Santos, (2005b), *Contribuições para a Formulação de Políticas Públicas no Horizonte 2013 Relativas ao Tema “Cultura, Identidades e Património” (Relatório Final)*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, disponível em:

<http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm>

Silva, Augusto Santos (2001), “A dinâmica cultural das cidades médias: uma sondagem do lado da oferta”, em Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva (orgs.), *Projecto e Circunstância: Culturas Urbanas em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.

Silva, Augusto Santos (2007), “Como abordar as políticas culturais autárquicas?”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 54, pp. 11-33.

PROFISSÕES E EMPREGO NOUTROS SECTORES DE ACTIVIDADE

Almeida, Paulo Pereira de (2001), *Banco e Bancários em Portugal: Diagnóstico e Mudança nas Relações de Trabalho*, Oeiras, Celta Editora.

Garcia, Luís, e José Castro (1993), “Os jornalistas portugueses: Da recomposição social aos processos de legitimação profissional”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 13, pp. 93-114.

Kovács, Ilona (org.) (2005), *Flexibilidade de Emprego: Riscos e Oportunidades*, Oeiras, Celta Editora.

Kovács, Ilona (2006), “Novas formas de organização do trabalho e autonomia no trabalho”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 52, pp. 41-65.

Machado, Fernando Luís (1999), “Sobre o estado actual da sociologia em Portugal”, em AA.VV., *A Sociologia e o Ensino Secundário*, Oeiras, Celta Editora.

Rodrigues, Maria de Lurdes (1999), *Os Engenheiros em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

Rodrigues, Maria de Lurdes (2001 [1997]), *Sociologia das Profissões*, Oeiras, Celta Editora.

AGENTES E PROFISSÕES CULTURAIS NA EUROPA

Kea European Affairs (KEA) (2006), *The Economy of Culture in Europe* (estudo realizado para a Comissão Europeia), disponível em:
http://ec.europa.eu/culture/key-documents/doc873_en.htm

Nicolas-Le Strat, Pascal (2005), *L'Expérience de l'Intermittence: Dans les Champs de l'Art, du Social et de la Recherche*, Paris, L'Harmattan.